

04º CONCURSO FNLIJ/INBRAPI TAMOIOS DE TEXTOS DE ESCRITORES INDÍGENAS – 2007

Vencedor:

“O fogo e a onça”

Autor: Cristino Wapichana (Povo Wapichana)

Boa Vista – Roraima

Nos tempos passados, todos os animais e os seres, como a chuva e o fogo, falavam a mesma língua. E alguns animais andavam em pé como os homens. Havia harmonia entre todos. Faziam festas alegres, com muita comida, músicas e dançavam uns com os outros.

Certa vez, a onça começou a desafiar os outros bichos, por confiar na sua força, na agilidade que possuía e em seu tamanho.

Um dia, o fogo estava caçando, despreocupado, no lavrado. Ele já tinha, no seu panacu, vários assados de bichos, como veado, porco-do-mato, cotia e até um pobre jabuti.

A onça, que naquele dia também caçava por perto, o viu de longe e disse consigo mesma:

– Hoje eu vou dar um grande susto no Compadre fogo, que ele jamais irá esquecer!

Então, ela se aproximou silenciosamente, subiu numa pedra que ficava perto do caminho por onde o fogo ia passar e ficou bem quietinha. Quando o fogo chegou pertinho, a onça pulou bem na sua frente! O fogo deu um salto para trás, deu um grito e bradou assustado:

– Comadre onça, você quer me matar de susto?

– Não, compadre! Mas você devia ter visto a sua cara como ficou. Você é quem vai me matar de rir... – disse ela, dando gargalhadas e rolando pelo chão.

– Não sei por que você faz isso, não tem graça alguma! – respondeu o fogo.

– Na verdade, Compadre, eu vou é comer você! Mas, antes, vou lhe mostrar a minha força!

A onça, então, subiu e desceu numa árvore alta, correndo. Arrancou uns arbustos com suas garras afiadas, rasgou o chão arrancando os capins e disse:

– Agora quero ver a sua força!

Repentinamente, a onça saltou em cima do pobre fogo e começou a morder o pescoço dele! Os dois travaram uma luta violenta pelas suas vidas! O fogo ficou muito bravo e começou a queimar a garganta da onça, que rosnava sem parar.

– Agora você vai ver a minha força! – disse o fogo, que a essas alturas não estava tão amigo.

Então a onça, ao sentir o poder de seu compadre, deu um urro bem estridente e, num salto mortal, caiu sobre os galhos de um pé de caimbé. O fogo subiu no pé de caimbé e queimou as folhas e os galhos. A onça, para salvar sua pele, saltou para o chão, correu com toda velocidade que possuía e caiu dentro de um lago, mas o fogo a perseguiu e esquentou a água a ponto de fervê-la.

A onça saiu correndo, subiu em uma árvore enorme e ficou escondida nos últimos galhos, que mal dava para vê-la. O fogo subiu na grande árvore, queimando tudo, deixando a onça desesperada. Então a onça, sem saída, disse ao fogo:

– Por favor, Compadre, não me mate!

Respondeu o fogo:

– A comadre não queria ver minha força? Venha me comer!

– Agora já basta! – retrucou a onça, com o corpo todo pintado com pequenas manchas pretas e amarelas deixadas pelo fogo, que também fez seus dedos encolherem.

Então o fogo, depois de ter marcado a onça, a deixou em paz e foi-se embora.

Por isso a onça, até hoje, tem medo de fogo.